

Especialista em dislexia no país aplica método Davis em Pato Branco

Daiana Pasquim

Pato Branco – Uma estadia de 13 dias ensinou três pato-branquenses de oito, dez e 14 anos a ficarem orientados da dislexia, a partir do Programa de Correção de Dislexia do Davis, um dislético e autista dos EUA. Tudo começou quando um pai pato-branquense leu, em dezembro de 2009, o livro “O dom da dislexia – Por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender”, no qual Ronald Davis – que mesmo tendo frequentado a escola, com 38 anos ainda não sabia ler – desenvolveu um método de 30 horas aplicado por um facilitador. Interessado em dar uma melhor condição de vida ao seu filho de dez anos, o pai pato-branquense entrou em contato com a Associação Internacional de Dislexia de Ronald Davis, nos Estados Unidos e foi direcionado à psicóloga

Luciana Batalha, em Brasília, que é especialista em dislexia pelo método desenvolvido por Davis, no qual foi habilitada em novembro do ano passado, após passar pelo programa nos EUA.

A psicóloga Luciana chegou a Pato Branco no dia 13 de janeiro e retorna a Brasília nesta terça-feira (26). Nesse período, atendeu de forma individualizada e particular três garotos. Além de Luciana, só mais duas pessoas no país são facilitadoras do método, uma colega sua de Brasília e outra do Rio de Janeiro, que traduziu o livro de Davis. A psicóloga argumenta que a credibilidade do método vem justamente pelo fato de ter sido desenvolvido de dentro para fora, por um dislético.

O dislético tem uma diferente percepção de mundo, pensando através de imagens (não-verbal), de forma superrápida, visão multidimensional e assim detendo talentos incríveis nas áreas

de artes, por exemplo. Na alfabetização, é possível identificar, por exemplo, através da escrita espelhada (de trás para frente), bem como trocas e confusão das letras “p” “q”, “b” e “d” que têm a mesma forma, mas em ângulos diferentes. “Os disléticos veem dessa forma, mas normalmente desencadeia essa ação de reconhecimento quando eles olham a coisa e não reconhecem. Isso acontece muito com letras”. Alguns disléticos relatam que veem as palavras pulando na folha de papel, sentem enjoo quando leem ou dor de cabeça. Luciana informa que só a partir dos nove anos é possível dar um diagnóstico de dislexia com maior precisão.

“Quando é bem novinho é normal a criança escrever espelhado, de trás para frente, trocar letras tanto falando quanto escrevendo, pelo som e pela escrita, ter muitos talentos em coisas manuais e artísticas, es-



“A desorientação para as atividades escolares é o que gera o problema (...) para as atividades manuais e artísticas é o que faz o talento acontecer”, compara a psicóloga Luciana Batalha

portes. Não todos juntos, normalmente cada um se foca em determinada área: matemática, música, talentos que elevam a pessoa de alguma forma”. São disléticos famosos Albert Einstein, Thomas Edison que inventou a lâmpada, Henry Ford, Graham Bell que inventou o telefone, John Kennedy presidente dos Estados Unidos, Leonardo Da Vinci, Walt Disney criador da Disneylandia, o ator Tom Cruise, entre outros. “É comum pensar, nossa ele foi um gênio apesar da dislexia. Não, o correto é dizer que foi um gênio por causa da dislexia, que é uma alteração da percepção da pessoa. O problema da dislexia é a mesma coisa que causa o dom: a alteração na percepção, a forma como a pessoa percebe o mundo”, exemplifica.

Ao mesmo tempo, o dislético não consegue compreender o significado das chamadas “palavras-gatilho” no contexto de uma frase, como preposições, pronomes, conjunções e até alguns verbos de ligação. Isso confunde a leitura, a compreensão de

texto e, principalmente, desorienta. As palavras-gatilho são essenciais para dar aos textos coerência e coesão. Enxergando as palavras soltas, o dislético não consegue dar sentido e se desinteressa pela leitura e escrita, assim, pode acontecer de ficar alheio a tudo.

O método Davis consiste em ensinar o dislético a encontrar o seu ponto ótimo e assim, ficar orientado. Foi assim que Davis aprendeu a ler, após ficar dois dias fechado num quarto de hotel. Ao fixar seu olho mental, Davis encontrou seu ponto de orientação. “Nesse dia que ele encontrou seu ponto ótimo conseguiu ler o livro “A ilha do Tesouro” de cabo a rabo e percebeu que era um problema de percepção e de orientação”, disse, explicando que “a gente usa muito esse termo estar desorientado e a desorientação para as atividades escolares é o que gera o problema. A desorientação para as atividades manuais e artísticas é o que faz o talento acontecer. A mesma coisa que gera o talento gera o problema”, aten-

ta. Hoje Davis tem 70 anos, mas passou mais da metade de sua vida se sentindo humilhado, muitas vezes sendo classificado pelos outros como retardado mental. Em função do sofrimento na infância, tanto na escola quanto em casa, quando não compreendia porque apanhava do pai, Davis representava em argila, fazendo bonecos para compreender o que havia acontecido. Modelando a argila e observando suas representações em 3D, passou a perceber que não tinha noção de causa e consequência. E assim desenvolveu seu talento e tornou-se um escultor. O programa aplicado pela psicóloga nos garotos pato-branquenses também usou massa de modelar e procurou exercitar a busca pelo ponto ótimo, o ponto de orientação. “Davis criou um ponto em que o olho mental para em cima, como se fosse uma garagem. O olho mental passeia e a hora que ele quer ficar orientado, põe o olho mental no ponto”, ilustra.

A psicóloga aconselha que um dislético frequente a escola regular e também receba a devida atenção diferenciada para conseguir “decodificar” alguns signos. “É a mesma coisa que eu te dar um arquivo no programa Adobe, mas você não ter o programa instalado. O arquivo está em seu computador e se você colocar o programa Adobe vai conseguir abrir e ler. Davis viu que tudo que ouviu na escola absorveu. Acho que os pais quanto mais cedo ficarem sabendo podem ajudar as crianças fazendo qualquer coisa, mesmo que não seja a cura, é melhor do que não fazer nada”, discorreu.

SERVIÇO

A estimativa é que 15% da população brasileira seja dislética, mas para a psicóloga especialista em dislexia o número deve ser bem maior. Para saber mais sobre o assunto acesse o site www.dyslexia.com (site do Davis) ou entre em contato com a psicóloga Luciana Batalha pelo luciana.trata.dyslexia@gmail.com e (61) 8185-6442.



Quem conhece o E-mail Marketing não dorme em serviço.



E-mail Marketing

A melhor ferramenta para distribuição de mala direta direcionada.

- 100 % dos e-mails válidos;
- Seleção do público alvo;
- Relatório completo de leitura;
- Resultados imediatos;
- Baixo custo de investimento;

Faça uma consulta



Rua: Tapir, 788
Pato Branco - Paraná
Fone/Fax: (46) 3025 3498 / 3220 8909

- ▶ Campanhas personalizadas
- ▶ Localização de clientes por segmento
- ▶ Trabalhe com profissionais

www.proconexaodigital.com.br